

O PARKOUR COMO POSSIBILIDADE PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Carla da Silva Reis Alves¹
Luciano Nascimento Corsino²

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo investigar o esporte radical de aventura *Parkour*, propondo reflexões sobre a inclusão dessa modalidade na Educação Física escolar. Utilizaram-se como pano de fundo dessa discussão as Orientações Curriculares do Município do Rio de Janeiro e os Parâmetros Curriculares Nacionais. Como metodologia foi utilizada a pesquisa bibliográfica, considerando-se a técnica de análise documental. Conclui-se que o esporte *Parkour* pode ser um importante tema para a Educação Física escolar, tendo em vista as diversas possibilidades para a contribuição com a formação integral do aluno, enquanto sujeito participativo e crítico na sociedade.

Palavras-chave: Esportes radicais; Parkour; Educação Física Escolar.

1 Mestre em Ciência da Motricidade Humana- UCB/RJ. Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: reiscarla@ig.com.br

2 Mestre em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência - UNIFESP. São Paulo/ São Paulo, Brasil.
E-mail: luciano.corsino@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A Educação Física Escolar brasileira passou por uma série de mudanças de extrema relevância ao longo de sua história, mas foi, principalmente, a partir da década de 1980 e mais efetivamente na década de 1990, com a criação da nova Lei de Diretrizes e Base (LDB) e, posteriormente, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que se abriram os horizontes para que novas propostas curriculares pudessem surgir, tanto nos Estados quanto nos Municípios.

Os temas/conteúdos propostos pelos PCN e reforçados nas Orientações Curriculares do Município do Rio de Janeiro, este último elaborado no ano de 2009, sugerem cinco temas/conteúdos a serem ministrados: o jogo, a dança, a luta, o esporte e os movimentos gímnicos. Embora os esportes de aventura sejam classificados como pertencentes à categoria dos esportes, A Secretaria Municipal de Esporte do Rio de Janeiro (2009) sinaliza que no esporte, o que sobressai é a competição, sendo condição básica para que este se desenvolva, afirmação que aparece de forma inconsistente, ao ser relacionada com as sugestões que o próprio documento aponta para cada ano do Ensino Fundamental. No 7º ano do Ensino Fundamental, por exemplo, o documento sugere o tratamento da história da prática esportiva abordada e a realização de análise crítica sobre o movimento esportivo historicamente construído. Para o 9º apresenta sugestões de reflexão e análise crítica sobre o esporte performance e o padrão corporal definidor das modalidades esportivas.

Isso mostra que, apesar de apresentar o esporte como um tema/conteúdo predominantemente competitivo, as Orientações Curriculares entendem que o esporte

pode ser abordado de outra forma na Educação Física escolar, podendo ser uma das ferramentas utilizada para estimular a reflexão e autonomia dos alunos.

O esporte mostra-se como conteúdo mais frequente nas aulas de Educação Física, principalmente na segunda metade do Ensino Fundamental (OLIVEIRA, 2004; PEREIRA, 2011; CARBINATTO, 2011; PEREIRA e ARMBRUST, 2010).

A postura insistente na esportivização parece estar na dificuldade encontrada pelos profissionais da Educação Física escolar em romper com antigos paradigmas, sair da zona de conforto, principalmente para os professores que estão no mercado de trabalho há muito tempo. A maioria destes professores, geralmente, tendem a seguir os mesmos modelos apreendido sem sua formação escolar e acadêmica, muito influenciada pelo paradigma esportivista, que foi engendrado a partir da década de 1970, e que passou a ser questionado, principalmente, por acadêmicos que realizaram pesquisas de pós-graduação fora do país, tendo como fundamentação os estudos realizados nas áreas da sociologia e filosofia da educação (BRACHT, 1999).

Vale citar que alguns eventos escolares, como os jogos estudantis, nas esferas Municipal, Estadual e Nacional, ainda usam, unicamente, o modelo do esporte competitivo. Não cabe a Educação Física escolar a função de escolher e priorizar o “mais rápido”, “mais forte” ou “o mais habilidoso” numa modalidade esportiva. Esse é um método equivocado, excludente, que deve dar lugar a um tratamento pedagógico dos conteúdos, buscando a formação de um cidadão crítico-refletivo.

O *Parkour* é um esporte de aventura relativamente novo, que começou a ser

praticado no final do século XX, na França, e se caracteriza por movimentos de transposição, saltos e aterrissagens. O *Parkour* está inserido nos esportes de aventura praticados em área urbana e não possui intenção de competitividade.

A introdução do *Parkour* como componente curricular, vai ao encontro das novas propostas de ensino, realizando uma releitura das práticas tradicionais curriculares, analisando a criação e a prática de novas atividades contemporâneas ao corpo discente. Pode-se ousar dizer que o *Parkour* faz uma releitura dos gestos das atividades competitivas, com a vantagem de não haver preocupação com quem ganha, ou perde, mas sim com a auto superação e emoção encontrada nesse esporte de aventura urbana.

A partir de vivência profissional no cotidiano da Educação Física escolar é possível perceber o desinteresse crescente pelas aulas tradicionais de Educação Física, principalmente nas séries correspondentes à segunda metade do Ensino Fundamental (7º, 8º, e 9º ano). Para Moreira e Pereira (2009), as aulas de Educação Física na escola não podem ficar restritas ao aquecimento, alongamento e o jogo. Essa prática deve oferecer oportunidades para que o aluno pense, aja, reflita, discuta, critique, se apropriando e agregando valores para sua formação enquanto sujeito capaz de realizar suas próprias escolhas. É nessa ótica que Carbinatto (2008) relata que apesar da área de atuação do profissional de Educação Física na escola ser muito ampla, proporcionando um infinito número de atividades corporais, a grande maioria dos professores estão engessados nas aulas, ainda influenciada pela esportivização dos quatro grandes jogos (futsal, basquete, vôlei e handebol).

Sabe-se que alguns estudos apontam para o desinteresse das aulas em função da organização dos professores em suas práticas, seja com aulas de conteúdos repetitivos, ou que até podem variar o conteúdo, mas não a forma de ensinar (ISHIBASHI, 2011). Essa parece ser mais uma característica muito presente nas aulas tradicionais, influenciada pelo modelo tecnicista, bastante difundida nas décadas de 1970 e que ainda se faz presente em algumas práticas da Educação Física escolar.

O presente estudo é fundamentado, principalmente, nos Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física (BRASIL, 1998) e nas Orientações Curriculares do Município do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO, 2009) e tem como objetivo principal apresentar o esporte de aventura *Parkour*, discutindo e apresentando a sua relevância para a Educação Física Escolar.

METODOLOGIA

O presente trabalho buscou subsídios para discutir a importância do esporte de aventura *Parkour* e a sua inclusão na Educação Física escolar. Esse tipo de estudo está inserido no contexto de pesquisa bibliográfica, que é aquela que se utiliza de material produzido anteriormente por outros autores, a fim de fundamentar o tema que se pretende abordar (SEVERINO, 2007). Utilizou-se uma abordagem qualitativa de investigação, buscando suporte na informação contida em documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Orientações Curriculares da Cidade do Rio de Janeiro – Educação Física, bem como livros e periódicos que dispunham de artigos sobre os esportes de aventura no contexto da Educação Física Escolar.

Esportes radicais, de ação e de aventura.

Antes de tecer qualquer análise é preciso contextualizar o que são esportes radicais, de aventura e de ação, pois são atividades relativamente recentes na cultura esportiva, se comparadas às mais tradicionais, já que foi a partir da década de 1990 que ganharam maior destaque na mídia. Embora algumas pesquisas apontem que essas atividades eram praticadas há muito tempo, o próprio Leonardo Da Vinci, desenhou protótipos de asa delta e para quedas entre os séculos XV e XVI. Pereira e Armbrust (2010) lembram que as escaladas em montanhas na Europa já eram praticadas no início do século XIX. Há registros de que o surfe era praticado pelos povos da Polinésia há mais de dois mil anos.

Quem primeiro se preocupou em compreender sobre os esportes radicais na atmosfera da Educação Física brasileira foram Uvinha (2001), Marinho (2007), Dias (2007), Pereira e Armbrust (2010), estudiosos das práticas corporais inicialmente tratadas como esporte de lazer.

De acordo com Pereira et al. (2008), radical é o agrupamento das atividades esportivas que envolvem risco. Pode-se encontrar definição semelhante no dicionário Aurélio (2009, p. 678), “que envolve risco fora do comum e exige grande perícia, indivíduo que tem ideias ou práticas radicais”.

Segundo Pereira e Armbrust (2010), a ação está intimamente ligada à atitude, ao movimento, comportamento, ou a capacidade de fazer algo. O esporte radical de aventura apontado por Vieira et al (2011) possui o significado de incerto, perigoso e o que ainda está para acontecer. Retornando as definições de Pereira e Armbrust (2010), este algo que num primeiro momento não é alcançável e tem o significado de desconhecido, imprevisível, é muito observado nas práticas de modalidades ao ar livre e de lazer, seja ela urbana ou não.

Para organizar pedagogicamente esses conceitos Pereira et al (2008), criou um quadro de classificação geral dos esportes radicais, como mostrado a seguir.

Quadro 1: Classificação geral dos esportes radicais, divididos em esportes de aventura e de ação, quanto ao local de prática.

	Esportes Radicais	
Local de Prática	Ação	Aventura
Aquáticos	Surf, Windsurf, kitesurf	Mergulho (livre e autônomo) Canoagem(rafting,caiaque, aqua ride, canyoning)
Aéreos	Base jump, Sky surf	Paraquedismo, balonismo, voo livre
Terrestres	Bungeejump, sandboarding	Montanhismo,(escalada em rocha, escalada em gelo, técnicas verticais, tirolesa, rapel, arvorismo) mountainbike (downhill, cross country) trekking
Misto	Kite surf	Corrida de aventura
Urbano	Escaladaindoor, skate, patins roller, bike(Trial,bmx)	Parkour

Conforme observado, o *Parkouré* classificado como esporte radical de aventura, praticado em área urbana, mas atualmente, com o crescimento desse esporte, já se observa praticantes em áreas mistas e também se verifica variações na forma de locomoção. Como apontado por Serikawa (2006), alguns grupos executam seus gestos de forma mais acrobática, outros obedecem à escola mais tradicional da Ginástica Natural, ou seja, o PK vem evoluindo e apresentando estilos diferenciados.

Origem do Parkour (PK)

O PK é uma atividade que surgiu na França, no final do século XX. Seu criador foi o francês David Belle, praticante de algumas modalidades de ginástica desde a infância (SERIKAWA, 2006; PEREIRA e ARMBRUST, 2010). David se inspirou em seu pai Raymond Belle, que atuava como oficial da elite de bombeiros, em Paris. Ele executava as missões mais difíceis de salvamento, cargo ocupado devido a sua condição física privilegiada e seu treinamento baseado no método de treinamento de George Hérbert, conhecido como Método Natural.

Esse estilo partiu da observação dos gestos apresentados por tribos africanas, ao lutar, correr e caçar, utilizando o próprio corpo, como seus ancestrais faziam. Foi então que Hérbert, contrariando os métodos de ginástica preconizados no seu tempo, formatou esse novo sistema, no qual o indivíduo imita os movimentos utilizados para o deslocamento no meio ambiente, tais como em árvores, pedras e locais mais baixos que exigem o uso de quatro apoios, carregar objetos, agarrar-se em algo, ou rastejar-se (STRAMANDINOLI et al, 2012).

Tem-se como inspiração para o PK George Hérbert, com o Método Natural, Raymond com seu treinamento militar de salvamento e, finalmente, o maior precursor do PK, David Belle, na virada do século XX para o XXI. Ele reuniu todos os conhecimentos adquiridos para criar um esporte de aventura de origem francesa, chamado de *Le Parkour* (*Le = o e Parkour = percurso*).

A ideia do criador do PK é a do indivíduo percorrer ou traçar um objetivo utilizando os próprios recursos, alcançá-lo da melhor maneira possível, independente dos obstáculos que aparecerem no caminho, sejam eles urbanos, ou não. Durante o deslocamento, o *traceur* (praticantes do PK do gênero masculino), ou *traceuse* (praticantes do gênero feminino), lança mão de movimentos como: transposições com apoio das mãos, com giro, com as pernas, deslocamentos e saltos variados e aterrissagens, amortecendo com os membros inferiores e também com rolamentos. Alguns desses gestos foram batizados com nomes curiosos, tais como: tic-tac, King Kong, equilíbrio do gato, salto de precisão, dentre outros (PEREIRA, 2001).

No Brasil, o PK começou a ser praticado, segundo Serikawa (2006), por volta do ano de 2004, muito provavelmente pela inspiração dos vídeos divulgados pela internet. Jovens paulistas e brasilienses começaram a praticar e a estudar as proposições de David Belle. Stramandinoli et al (2012) salienta que a Associação Brasileira de Parkour foi criada no ano de 2005, com objetivo de divulgar o esporte, promover encontros, estabelecer regras de conduta e manter características como esporte livre, sem intuito competitivo e que estimulasse a autosuperação.

A Educação Física e o PK na contemporaneidade

As Orientações Curriculares para o ensino de Educação Física da cidade do Rio de Janeiro estabelecem que para alcançar a excelência do ensino da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, deve-se assumir o compromisso de desenvolver competências, a fim de contribuir na formação de um indivíduo autônomo. Atrelado a esse objetivo, as Orientações Curriculares entendem o educando como sujeito inserido num contexto social, transpondo os muros da escola. Um indivíduo possuidor de uma cultura própria, originada da sua própria história de vida, que também se manifesta a partir dos movimentos corporais (RIO DE JANEIRO, 2009).

No que se refere à formação de um aluno autônomo, que expressa a cultura a partir dos próprios movimentos corporais, Betti (2013), pesquisador e assessor na construção dos PCN e do currículo de Educação Física do Estado de São Paulo, ressalta que a Educação Física deve estar preocupada com uma ação pedagógica a partir da Cultura Corporal de Movimento, ou seja, o projeto da Educação Física deve se apropriar da cultura de maneira crítica, onde o sujeito é o protagonista da ação. Sendo assim o “se movimentar”, passa a ser mais importante no processo de ensino do que o “movimentar-se”, que se apropriava do movimento como agente principal.

Corroborando com Betti (2013) A Secretaria Municipal de Esporte do Rio de Janeiro (2009) aponta que o movimento é a expressão de sentimentos encontrados no mundo, tais como: sonhos, desejos, medo, coragem, ousadia, angústia, força, fraqueza,

baixa e alto estima, solidariedade, egoísmo, cooperação, respeito às diferenças, dentre outros.

Nesse sentido, o corpo não pode ser percebido apenas pelo viés biológico, ele também é a constituição de uma história de vida comprometida com a cultura, daí surge um conceito apropriado pelos PCN, a Cultura Corporal de Movimento. Os PCN entendem que a Educação Física Escolar deve introduzir e integrar o aluno nessa cultura, auxiliando na formação do cidadão crítico e da melhora da qualidade de vida.

Gomes da Silva et al. (2005) destacam que os estudos na esfera da Educação Física escolar têm utilizado como pano de fundo os códigos sugeridos pelos PCN (o esporte, a dança, os jogos, as lutas e as ginásticas), que muitas vezes se tornam hegemônicos, como é o caso dos esportes, que ganhou um sentido polissêmico, muito divulgado pela mídia.

Pode-se evidenciar, a partir do diálogo entre PCN, Orientações Curriculares e LDB que o PK parece encontrar-se mais próximo do contexto da Cultura Corporal de Movimento contemporânea, possibilitando uma relação com a afirmação dos PCN, ao afirmar que “a Educação Física Escolar deve dar oportunidade aos alunos para que desenvolvam suas potencialidades de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento com seres humanos” (BRASIL, 1998, p.29).

De acordo com Moretto (1999) as mudanças sociais e o desenvolvimento tecnológico são tão velozes que, provavelmente, no momento da entrada do aluno de hoje no mercado profissional, os conhecimentos adquiridos nos bancos escolares já não sirvam muito, e acrescenta que:

É só pensar sobre o que cada um de nós recorda da física, da química, da matemática, da história e da geografia que aprendeu na escola e da forma como aprendeu. Se a escola se serviu dos conteúdos daquele momento selecionados, para desenvolver a capacidade de pensar, e as habilidades de observar, relacionar, estruturar, analisar, justificar, sintetizar, correlacionar, inferir, entre outras, então preparou o cidadão dando-lhe a competência profissional necessária para enfrentar os conteúdos que a vida lhe apresentar (MORETTO, 1999, p.50-54).

Ainda segundo Moretto (1999), o foco da nova escola está na aquisição de competências, por meio do desenvolvimento de habilidades nos domínios cognitivo, afetivo e psicomotor. A habilidade geralmente está associada ao termo “saber fazer” algo específico e se vincula a uma ação física ou mental, indicando uma capacidade adquirida por alguém. Assim, identificar, relacionar, correlacionar, aplicar, analisar, sintetizar, avaliar e manipular com destreza, são exemplos de habilidades. Já a competência está associada à estrutura resultante do desenvolvimento harmônico de um conjunto de habilidades e que caracteriza uma função específica.

Estabelecendo uma analogia entre habilidades, competência e a atividade PK, é possível argumentar que, para um indivíduo adquirir competência como praticante de PK, precisa ter uma série de habilidades harmonicamente desenvolvidas, em função da competência exigida, muito embora o PK seja um esporte altamente democrático, que não exige gestos motores específicos para transpor os obstáculos, mas sim, o domínio de alguns fundamentos básicos para a prática dessa atividade. Essas características o diferenciam do esporte preconizado pela

Secretaria Municipal de Esporte do Rio de Janeiro (2009), que parece estar voltado mais ao desenvolvimento de habilidades especializadas do que à construção da cidadania. Por outro lado, há de se questionar os motivos pelos quais o PK foi classificado como Esporte, tendo em vista que a sua origem parece estar relacionada ao movimento ginástico.

Pereira (2010) pontua que na Cultura Corporal de Movimento deve-se pesquisar todo o contexto histórico da Educação Física, tendo como pano de fundo as práticas corporais, afirmando a necessidade de constante renovação, pois é na prática de movimentos novos, sejam eles criados ou reinventados, que se constrói a contemporaneidade. Para Armbrust (2010), além de trabalhar os conteúdos tradicionais, os professores devem ampliá-los com a diversidade dos seus alunos, que se encontram inseridos numa cultura que pode ser denominada de conteúdos culturais emergentes. Do mesmo modo, Corsino e Auad (2012) ressaltam a importância de diversificar os temas/conteúdos no cotidiano da Educação Física escolar, fato que pode ser de extrema relevância para o tratamento das diferenças e a obtenção de uma maior participação dos alunos. Nessa panorâmica, não é por acaso que a valorização da cultura e dos interesses pelos esportes contemporâneos faz surgir os esportes de aventura, os esportes radicais e as diversas modalidades esportivas, que pode e deve ser apropriada pela Educação Física escolar.

Importância do PK na Educação Física Escolar

O PK pode ser um tema de fundamental importância para a Educação Física

Escolar, pois, além de colocar em prática as habilidades em situações reais, pode simular situações de perigo, desenvolve habilidades tanto na esfera da motricidade quanto na cognitiva, pois dessa forma, ao assumir riscos, mesmo que de modo controlado, o aluno deverá resolver situações problemas que dentre outras coisas, exercitará seu tempo de reação, senso de iniciativa e rapidez de adaptação, características essas que estimulam uma postura crítica e de tomada de decisões. Sendo assim o educador auxiliará o seu educando na aquisição de competências para o enfrentamento de situações da vida real.

Assis (2007) reforça essa premissa relatando que o PK auxilia na exploração de diversas qualidades físicas: força, flexibilidade, coordenação motora, velocidade, equilíbrio, agilidade, entre outras. A modalidade também pode ser trabalhada em parceria com outras disciplinas, fazendo dela uma atividade multidisciplinar, pois além da Educação Física pode-se trabalhar questões da Matemática, da Física, da Arte, da História, de Línguas Estrangeiras e da Geografia.

A Educação Física precisa ampliar seu olhar, capacitando o aluno no seu desenvolvimento. Sabe-se que o caminho não é simples, porque sair da zona de conforto que muitos profissionais se encontram não é algo tão fácil de ser resolvido, mas a Educação Física deve ter essa responsabilidade. Os profissionais da área preocupados com o aprendizado e o “se- movimentar” humano nos aspectos não só motor, mas também, social e afetivo, devem proporcionar a inclusão dessa atividade contemporânea no universo escolar, auxiliando na desconstrução do monopólio de esportivização competitiva que ainda toma conta da maioria dos currículos escolares. Nessa

mesma linha de raciocínio, vale mais uma vez ser lembrado que o PK é uma atividade de caráter cooperativo e inclusivo, que se diferencia do Esporte contemporâneo. Essa concepção cooperativa de trabalho vem sendo uma das mais bem sustentadas tendências na prática da Educação Física escolar (DARIDO, 2001).

A inclusão do PK nas aulas de Educação Física, pode ser percebida como uma conquista que será de fundamental importância na inovação pedagógica. Pereira e Armbrust (2010) argumentam que o PK utiliza gestos motores já conhecidos, mas recria de forma desafiadora, criativa e inovadora esses movimentos. Vale ressaltar a importância da contemporaneidade, reorganizando e modificando o velho numa verdadeira reconstrução do novo.

E finalmente, mas sem esgotar os argumentos que defendem a importância da inclusão do PK na rotina curricular da escola, Uvinha (2001) acrescenta que o PK foge das atividades físicas padrão, podendo ser ministrado em todas as categorias, desde a educação infantil até o ensino médio, desde que se adapte e se respeite as características físicas e cognitivas de cada faixa etária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ao longo da história o esporte ter sido predominantemente abordado na escola com um caráter tecnicista, a partir de uma perspectiva esportivista de Educação Física, atualmente, ele pode estar presente na escola de várias formas, apresentando diversos objetivos. Infelizmente, para alguns profissionais e a grande mídia, o esporte escolar ainda tem como meta a detecção de talentos esportivos que

possam chegar ao alto rendimento. Esse olhar está muito distante dos verdadeiros objetivos do esporte da escola e o debate se faz necessário, uma vez que se vive no país um momento de entusiasmo por estar sediando a Copa das Confederações em 2013, a Copa do Mundo em 2014, e uma inédita Olimpíada em 2016.

Nesse sentido, faz-se necessário, mudanças desses paradigmas, que possam incluir nos currículos escolares atividades contemporâneas e desafiadoras, possibilitando uma maior diversificação de conteúdos e, conseqüentemente, uma maior participação de alunos e alunas. Para a inclusão do *Parkour* na Educação Física escolar, é necessário que tanto os cursos de graduação e os cursos de formação continuada ofereçam uma base para que os professores possam perceber a importância dessa temática no interior da Educação Física escolar.

Os esportes de aventura podem oferecer novos e significativos desafios tanto para os alunos quanto para os professores. Portanto, entende-se que o *Parkour* pode ser compreendido como um esporte capaz de contemplar os princípios norteadores da Cultura Corporal de Movimento, apresentando-se como um tema de extrema relevância para o cotidiano da Educação Física escolar.

REFERÊNCIAS

- ARMBRUST, I; SILVA, S. Esportes Radicais como conteúdo da Educação Física Escolar. In: **Simpósio Multidisciplinar: Universidade e responsabilidade social, 2010**, São Paulo. XVI Simpósio Multidisciplinar da USJT: Universidade e responsabilidade social. São Paulo: USJT, 2010.v.1.
- ASSIS, V. L. **Le Parkour**: Uma atividade Física Contemporânea com um prisma holístico. Associação de Parkour da Grande ABC- PKABC, 2007. Disponível em :http://www.pkabc.com.br/artigo_2.htm. Acesso em 3 mar. 2012.
- BETTI, M. Currículo Básico da Educação Física Escolar. In: **Semana de capacitação dos professores da rede Municipal do Rio de Janeiro, da SME, 2013**. Rio de Janeiro.
- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, Agosto, 1999.
- BRASIL, Ministério da Educação: Secretaria de Educação Fundamental, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei Federal nº 9394, 1996.
- CARBINATTO, M. Atividades Gímnicas na Escola. **Caderno de estudos e pesquisas**. WPOS. Brasília DF. 2011.
- CORREIA, M. **Trabalhando com jogos cooperativos**. Campinas: Papirus, 2008.
- CORSINO, L. N.; AUAD, D. **O professor diante das relações de gênero na Educação Física escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.
- DARIDO, S. C. Os conteúdos da Educação Física escolar: Influências, tendências dificuldades e possibilidades. **Perspectivas em Educação Física Escolar**. v1. (supl. 1). pp.5-25, 2001.
- DIAS, G. Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza. **Licere**, Belo Horizonte, v.10, n.3, dez. 2007.
- FERREIRA, A. **Mini Aurélio**: O dicionário da língua Portuguesa. 7 ed., Curitiba. Ed. Positivo, p. 678, 2008.

- GOMES-DA-SILVA, E.; SANT'AGOSTINHO, F.; BETTI, M. Expressão corporal e linguagem na Educação Física: Uma perspectiva semiótica. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 4, p. 29-23, 2005.
- ISHIBASHI, E. O quê e como ensinar Educação Física na escola. **Caderno de estudos e pesquisas**. WPOS. Brasília DF. 2011.
- MARINHO, A. Educação Física, meio ambiente e aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n.3, p.55-70, maio, 2007.
- MOREIRA, E. C.; PEREIRA, R. S. Aulas de Educação Física como espaço para a construção do conhecimento: a importância de planejá-las. In; MOREIRA, E, C. (Org). **Educação Física escolar: desafios e propostas**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009.
- MORETTO, V. P. Reflexões construtivistas sobre habilidades e competências. **Dois Pontos: teoria & Prática em Gestão**. Belo Horizonte, v. 5, n. 42, p. 50-54, maio/junho 1999.
- OLIVEIRA, A. Planejando a Educação Física Escolar Educação. In: VIEIRA, J. **Educação Física e Esportes: estudos e proposições**. Maringá:Eduem, 2004. Cap.2,p.25-56.
- PEREIRA, D.; ARMBRUST, I. **Pedagogia da Aventura: Os esportes radicais, de aventura e de ação na escola**. São Paulo: Fontoura, 2010.
- PEREIRA, D. Aspectos didáticos e metodológicos da Educação Física Escolar em suas diferentes fases. **Caderno de Estudos e Pesquisa**. WPOS. Brasília, 2011.
- _____. Atividade de aventura na escola. **Caderno de Estudos e Pesquisa**. WPOS. Brasília, 2011.
- PEREIRA, D; MENEZES, E. O skate em São Bernardo do Campo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE DE AVENTURA, 3., 2008, Santa Teresa. **Anais...** Espírito Santo: ESFSA, 2008.
- RIO DE JANEIRO, Secretaria Municipal de Educação. **Orientações Curriculares: Áreas Específicas**. Rio de Janeiro, 2009. P.6-11.
- SÃO PAULO, Secretaria Municipal de Educação. **Orientações Curriculares, proposições e expectativas de aprendizagem**. Ensino Fundamental II. 2007. Educação Física. Disponível em: <http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/documentos/bibiped/Ensfundmedio/>. Acesso em Mar. 2013.
- SERIKAWA, C. **A força de membros inferiores em estudantes do ensino médio praticantes de Le Parkour**. FEFISA. Santo André: Trabalho de conclusão de curso, 2006.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- STRAMANDINOLI, A et al. Parkour: História e conceitos da modalidade. **Revista Mackenzie de Educação Física e esporte**. v.11, n.2, 2012, p.13-25. Disponível em: <<http://www.editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/.../4037/3812>> acesso em: 31 de jan. 2013.
- UVINHA, R. **Juventude, Lazer e Esportes Radicais**. São Paulo: Manole, 2001.
- VIEIRA, M. et al. Primeiros obstáculos no Parkour escolar. **Congresso paulistano de Educação Física escolar**. São Paulo. CONPEFE, 2011. Disponível em: <http://www.efescolar.pro.br/arquivos/arq_2011_13.pdf>. Acesso em 25 de Janeiro de 2013.

PARKOUR AS A POSSIBILITY FOR PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

The present study aimed to investigate the extreme sport of *Parkour* adventure, offering reflections on the inclusion of this modality in Physical Education. It was used as the backdrop of this discussion the Curriculum Guidelines of the City of Rio de Janeiro and the National Curriculum. The methodology used was the literature, considering the technique of document analysis. We conclude that the sport *Parkour* can be an important theme for Physical Education, considering the various possibilities for the contribution to the education of the student, as both subject and critic in society.

Keywords: Extreme Sports; Parkour; Physical Education.

Recebido em: abril/2013
Aprovado em: novembro/2013